

APRESENTAÇÃO

É com grande prazer que apresentamos o volume 25, número 40, da Polifonia, o qual encerra, com distinção técnica e acadêmica, a série de publicações de 2018, ano em que o periódico completa vinte e cinco anos de existência, divulgando saberes produzidos em níveis local, regional, nacional e internacional. Por razões técnicas, o número 40 foi subdividido em 40.1 e 40.2.

Neste último volume comemorativo das “bodas de prata” da Polifonia, apresentamos um rico dossiê, de tema “Literatura e intermedialidade”, o qual congrega estudos sobre as relações entre a linguagem literária e variados suportes e regimes semióticos. Pesquisadores de instituições brasileiras e portuguesas constroem aqui coletivamente uma breve cartografia de encontros, hibridizações e experimentalismos em que a letra se ressignifica frente à imagem e ao som, frequentemente compondo textualidades que transcendem classificações de toda sorte. Centrando-se em múltiplos objetos artísticos que ocupam uma posição fronteira entre linguagens, gêneros ou mesmo esferas de circulação – como a erudita e a popular –, os trabalhos que integram este dossiê são tão variados em termos de temas, métodos e referenciais teóricos quanto os fenômenos que se propõem a investigar.

Abrindo o dossiê, o artigo **Salvador Dalí no País das Maravilhas: Surrealismo e nonsense**, de Isabella Pereira Marucci e Ramiro Giroldo, coloca em diálogo as artes plásticas e a literatura, realizando uma análise imagética das ilustrações feitas por Salvador Dalí para uma edição especial da obra *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Em seu estudo, os autores propõem a articulação entre o nonsense, fenômeno literário marcado pela aparente ‘falta de sentido’, e a expressão artística surrealista.

Também na esteira das artes plásticas, Livia de Sá Baião e Frederico Oliveira Coelho propõem, no artigo **Guimarães Rosa curador de Guimarães Rosa**, uma discussão do fazer literário do escritor mineiro a partir das práticas de curadoria que passaram a prevalecer na década de 1970, com a chamada “virada curatorial”, nas artes visuais. Em sua análise, os pesquisadores ressaltam, em diálogo com a exposição *Temporama*, da artista francesa

Dominique Gonzalez-Foerster, com curadoria de Pablo Leon de la Barra, como Guimarães Rosa exerceu um protagonismo ímpar na edição de seus livros, rasurando as fronteiras entre os papéis de autor e editor e incorporando estratégias poéticas da colagem e do ensaio no seu processo criativo.

A dimensão pictural ganha também papel precípua na análise realizada por Carina Rodrigues em **Entre imagens, símbolos e mitos: da tradição cultural ocidental no álbum de Manuela Bacelar**. No artigo, a pesquisadora procede a uma leitura intertextual do álbum escrito e ilustrado por Manuela Bacelar, destacando a forte analogia entre o trabalho plástico-literário da autora e o imaginário simbólico-religioso e profano, esteado em larga medida na interdependência discursiva entre o texto e as ilustrações.

Da imagem estática à imagem em movimento, outros artigos vêm se somar ao dossiê, compondo um amplo panorama de diálogos intermediais e intersemióticos, sobretudo em termos de adaptações da ficção oitocentista para séries de TV e para o cinema.

No que tange à relação com a mídia televisiva, o texto **Câmera inquieta de Capitu**, de Evelin Gomes da Silva e Paulo Custódio de Oliveira, propõe um estudo comparado das referências literárias e das construções audiovisuais do narrador da microsérie de TV *Capitu* (2008), adaptação do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. A pesquisa destaca como a câmera da obra televisiva foi capaz de (re)construir a perspectiva dos telespectadores sobre a história contada pelo protagonista, transpondo a ambiguidade que marca a narrativa machadiana.

Já Franciane Costa de Sousa e Francisco Wellington Borges Gomes investigam, em **Edgar Allan Poe na TV brasileira: domesticação e estrangeirização na tradução intersemiótica de *A Máscara da Morte Rubra***, o uso de estratégias tradutórias do conto de Poe para a série *Contos do Edgar*. Os principais resultados do estudo mostram que, embora usadas de forma desproporcional na tradução, as duas estratégias colaboram para a aproximação entre textos e contextos de partida e chegada.

Analogamente, em **A intertextualidade e sua importância na atribuição de sentido à adaptação: *Frankenstein* e a série *Penny Dreadful***, Elisa Seerig e Cecil Jeanine Albert Zinan discutem a transposição midiática do romance de Shelley, destacando que adaptações audiovisuais, antes de desvalorizarem ou dispensarem a versão literária na qual se baseiam,

promovem-na e demandam-na, para que o leitor-telespectador possa extrair o máximo de sentido em ambas as produções.

A seu turno, as adaptações de narrativas literárias para o cinema compõem os *corpora* da maior parte dos demais artigos que integram este dossiê. Em ***Os canibais, de Álvaro Carvalho e Manoel de Oliveira: entre literatura e cinema***, Jéssica Domingues Angeli e Bruno Gambarotto analisam como o diretor português transpôs para a linguagem fílmica o conto fantástico oitocentista, realizando sua própria leitura do texto de Carvalho.

No artigo ***A religiosidade e a tríplice maternidade na narrativa fílmica Capitães da Areia (2011)***, Clara Sampaio Fernandes e Maria Cristina Cardoso Ribas analisam dois momentos significativos do filme de Cecília Amado, comparando-os com trechos do romance (quase) homônimo de Jorge Amado. Considerando que ambas as cenas e sequências escolhidas, que abrem e fecham a película, dão-se no mar, durante uma festa de Iemanjá, as pesquisadoras investigam a forte presença da religiosidade e de uma tríplice maternidade existente na obra fílmica que envolvem seu processo de produção.

Sara André da Costa e Rui Gonçalves Miranda, em ***A hora da estrela, livro e filme: para além da adaptação***, também se dedicam à análise de adaptação de romance da literatura brasileira para a linguagem cinematográfica, enfocando a obra literária de Clarice Lispector e o filme homônimo de Suzana Amaral. Como hipótese de leitura, os pesquisadores vão à procura de Rodrigo S. M., personagem aparentemente em fuga na adaptação cinematográfica desta obra de Clarice. Segundo os autores, “o caminho será o de não interpretar este anulamento como uma infidelidade, mas sim tentar compreender de que forma a voz do narrador continua, mesmo assim, presente no filme”.

Ainda na interface entre ficção romanesca e cinema, dois artigos deste dossiê se voltam para relações intermediais estabelecidas por textos literários cujos enredos se centram em distopias ou utopias tecnocientíficas. Em ***(Re)criando mundos: imagem técnica e realidade em Matrix e Time Out of Joint***, Anderson Soares Gomes procede a uma investigação sobre as maneiras como questões sobre imagem técnica são tematizadas em diferentes produções artísticas, usando como *corpus* de análise o filme *Matrix*, de Lana e Lilly Wachowski, e o romance *Time Out of Joint*, de Philip K. Dick. A partir da análise das

duas obras, o pesquisador discute o crescente papel das imagens na configuração de noções de realidade, simulacros e hiper-realidade.

Por sua vez, Israel Alves Corrêa Noletto e Sebastião Alves Teixeira Lopes, em ***Heptapod B and the Metaphysics of Time – Hybrid Interfaces of Literature, Cinema and Science***, os pesquisadores analisam as dimensões metafísicas do tempo na construção da linguagem artificial *Heptapod B*, que figura em *Story of Your Life* (1998), escrito por Ted Chiang, e na sua adaptação para o cinema, *Arrival* (2016), cujo roteiro é de Eric Heisserer e cuja direção é de Denis Villeneuve.

Encerrando o dossiê, o artigo **Manuel Bandeira, o poeta (auto)filmado**, de Daniel da Silva Moreira, também estabelece relações entre literatura e cinema, versando sobre a articulação entre as linguagens lírica e cinematográfica. Em seu estudo, o pesquisador analisa o curta-metragem *O Poeta do Castelo*, de 1959, do cineasta Joaquim Pedro de Andrade, a fim de mostrar como o filme é utilizado por Manuel Bandeira, responsável pela redação do primeiro esboço do roteiro, como uma possibilidade de realizar um prolongamento da imagem de si esboçada no *Itinerário de Pasárgada*, de 1954.

Como nos demais volumes do periódico *Polifonia*, soma-se ao dossiê temático do volume 25, número 40, a seção “Outros Lugares”, a qual abre espaço para publicação de trabalhos igualmente interessantes, mas de escopo analítico distinto do proposto pelos organizadores do dossiê.

No presente volume, tal seção é composta por cinco artigos, o primeiro dos quais é de autoria de Leonardo Francisco Soares e se intitula **“Pobre Schubert, que já não pode escolher a companhia com que anda”**: uma leitura de *Crime Delicado*, de Beto Brant. Em seu trabalho, o pesquisador analisa o filme do diretor brasileiro, enfatizando o diálogo que este estabelece com a escola romântica por meio de expedientes como a música de Franz Schubert, a representação de fragmentos dos dramas românticos *Woyzeck* (1837) e *Leonor de Mendonça* (1846) e o questionamento do próprio estatuto da arte.

Em seguida, em **O samba que ressignificou o mito: da estética política à contemplação cultural**, os pesquisadores Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Luiza Liene Bressan e Elton Luiz Gonçalves investigam a música-enredo do carnaval de 1989, da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, intitulada *Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre*

nós!, que trata da abolição da escravatura e do fim da monarquia no Brasil. Como opção teórico-metodológica, o estudo fundamenta-se na perspectiva do Imaginário e suas relações com a memória, a identidade e cultura, assim como a transformação do uso dos símbolos nacionais.

Em **A golpes de martelo: a poesia como imagem dialética**, Idmar Boaventura Moreira traça relações entre a imagem e a palavra poética a partir do conceito de imagem dialética, definido por Walter Benjamin e redimensionado por Didi-Huberman. Com base na leitura que Benjamin faz da poesia de Baudelaire, o artigo discute a dimensão aurática da poesia moderna e a pertinência de sua leitura como imagem dialética.

Já o texto **Interpretação deleuziana do círculo desenhado a dedo — Maina Mendes, a complexidade da singularidade**, de Susana Vieira e Paula Costa, apresenta uma análise da obra de Maria Velho da Costa, centrando-se numa cena do primeiro capítulo em que, com o dedo, a protagonista desenha um círculo no embaciamento do vidro. A análise se baseia no pensamento deleuziano, adotando como principais ferramentas conceituais as noções de dobra e desterritorialização.

Encerrando a seção “Outros Lugares”, o artigo **A representação identitária em letras de músicas d’O Rappa e no livro Os transparentes, de Ondjaki: uma abordagem discursiva**, Débora Letícia Silva de Araújo, Jéssica Santana dos Santos e Cesar Augusto de Oliveira Casella realizam uma análise da representação das identidades do trabalhador e do angolano, respectivamente, nas letras de música e no romance supracitados. Para tanto, vale-se de referenciais teóricos da Análise do Discurso e dos Estudos Culturais, centrando-se na relação entre discurso e identidade.

Finalmente, arrematando o conjunto dos textos que integram este volume da Polifonia, apresentamos uma instigante **entrevista com a Prof.^a Dr.^a Rosângela Fachel de Medeiros**, conduzida por Maria Elisa Rodrigues Moreira e Juan Ferreira Fiorini. Na entrevista, a pesquisadora compartilha com os leitores da *Polifonia* sua visão sobre o campo da Literatura Comparada, mapeando algumas de suas interseções com os Estudos Culturais e da Comunicação. Ademais, aponta alguns dos desafios que hoje se colocam à Literatura Comparada e a exigência premente de que essa área de conhecimento se abra para novas

perspectivas teórico-metodológicas e novos objetos de estudo, reconhecendo o caráter político inerente a toda empreitada comparatista.

Desejamos a todos os leitores do periódico que os textos aqui congregados suscitem profícuas reflexões sobre o campo dos estudos sobre Literatura e Intermedialidade. Convidamo-los também a que submetam artigos para as próximas chamadas da *Polifonia*, cujas bodas de prata esta edição orgulhosamente celebra.

Vinícius Carvalho Pereira – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Joana Matos Frias – Universidade do Porto (UPorto)